

Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e de Alcácer do Sal

António Dias Diogo * e Francisco J. S. Alves **

Resumo

Apresentam-se quatro conjuntos anfóricos resultantes de achados fortuitos, ocorridos durante pesca de arrasto. Os dois primeiros conjuntos são provenientes do rio Tejo e os segundos do rio Sado.

Dos conjuntos provenientes do rio Tejo, o primeiro, das imediações de Póvoa de Santa Iria, é composto por exemplares inteiros de fabrico lusitano de dois tipos distintos mas ambos de cronologia compreendida entre os finais do século I e os inícios do século II d.C. De salientar haver a notícia de as redes de pesca terem trazido à superfície pedaços de madeira, o que legitima a presunção da existência neste local, dos destroços do próprio navio enterrados no lodo.

O segundo conjunto, proveniente de dois locais não localizados com suficiente rigor nas proximidades de Alhandra e de Alcochete, compreende exemplares completos, ou quase, de ânforas de importação, datáveis entre os séculos II e I a.C.

Dos conjuntos provenientes do rio Sado, o primeiro é caracterizado por descobertas avulsas de alguns tipos de ânfora fabricados ou importados na zona de Alcácer do Sal entre os séculos III a.C. e os meados do século II d.C. O segundo conjunto, de que a maioria dos exemplares provém de um só sítio, nas imediações de Alcácer do Sal, presumivelmente correspondendo a um navio afundado, compreende os quatro únicos exemplares completos conhecidos de um tipo local, considerado o protótipo de transição entre fabricos ibero-púnicos e lusitano-romanos, e que será datável do século I a.C.

* F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa, Av. de Berna, 1700 Lisboa.

** Museu Nacional de Arqueologia, Praça do Império, 1400 Lisboa.

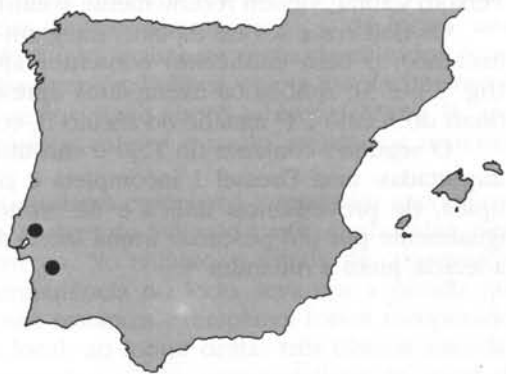
Résumé

On présente quatre ensembles amphoriques resultants de trouvailles fortuites, faites pendant la pêche à la traine. Les deux premiers proviennent du Tage et les restants du Sado.

Des ensembles provenant du Tage, le premier, des alentours de Póvoa de Santa Iria (Vila Franca de Xira), comprend deux types de fabrication lusitanienne, de chronologie comprise entre la fin du I^{er} siècle et le début du II^{ème} après J.C. Il s'agit de deux exemplaires d'amphores du type dit «Lusitanienne 2» (Dressel 14 lusitanienne) avec bord évolutionné, perlé et saillant, et un autre, du type «Lusitanienne 3» avec un haut lèvre en ruban et la base en anneau large. Soulignons que de cet endroit il y a la notice que des fragments de bois ont été récupérés dans les filets de pêche ce qui rend plausible l'existence d'une épave. Le deuxième ensemble est constitué par deux amphores qui proviennent de deux endroits différents près d'Albandra et d'Alcochete et appartiennent respectivement aux types «Dressel 1» et «Beltran 1».

Des ensembles provenant du Sado, le premier est caractérisé par quelques types d'amphores fabriqués ou importés dans la zone d'Alcácer do Sal, entre le III^{ème} siècle avant J. C. et les débuts du II^{ème} après J.C. Du deuxième ensemble du Sado, la plupart des exemplaires provient d'un local précis, peut être aussi une épave, situé dans les proximités d'Alcácer do Sal. Cet ensemble est homogène et comprend les seuls quatre exemplaires entiers connus, du type conventionnellement designé «Lusitanienne 1», du fait d'être considéré le prototype de transition entre les amphores de fabrication ibéro-punique et lusitano-romaine.

Raros são ainda os estudos sobre ânforas achadas em águas portuguesas, na maioria dos casos referentes a exemplares recolhidos na pesca de arrasto ao longo da costa ¹, desinseridos de qualquer contexto arqueológico. Aliás, esta forma de recolha também não permite uma definição rigorosa das próprias áreas dos achados, sendo de salientar igualmente a grande profundidade a que por vezes estes se efectuam.



Sendo por excelência os contentores do transporte marítimo, naturalmente as ânforas estão presentes não só ao longo da costa mas sobretudo nos estuários dos rios e nos seus cursos navegáveis, balizando assim não apenas as rotas deste comércio mas também a sua própria intensidade.

¹ CARDOSO, G. — *Ânforas romanas no Museu do Mar (Cascais)*. «Conimbriga», Coimbra, 17, 1978, p. 63-78; ALVAREZ DIAZ, P. — *Anforas romanas en los caminos del mar*. Vigo, 1981; ID. *Anforas romanas en el eje atlántico galaico-lusitano*. Vigo, 1984; ID. — *Inventario de presencias anfóricas en el flanco atlántico galaico-lusitano*, in «Actas do 3º Colóquio Galaico-Lusitano», 1986, p. 193-205; ARRUDA, A., e outros — *Dois ânforas romanas de Cacela (Vila Real de Santo António)*. «Conimbriga», Coimbra, 26, 1987, p. 125-131.

Disto são exemplos os conjuntos de achados fluviais provenientes do rio Tejo ², do Sado ³ e do rio Arade ⁴, todos eles igualmente desprovidos de qualquer tipo de contexto arqueológico.

Em contrapartida, em dois dos conjuntos anfóricos que agora publicamos, sobressai pela primeira vez a presunção, tanto para o Tejo como para o Sado, da existência de contextos arqueológicos precisos, consistindo eventualmente nos destroços submersos dos próprios navios, a cujas cargas pertenceriam aqueles exemplares.

O primeiro dos dois conjuntos provenientes do rio Tejo (fig. 2), das imediações do Mouchão da Póvoa (Póvoa de Santa Iria), é constituído por três ânforas de fabrico lusitano, recolhidas em ocasiões distintas mas no mesmo local e pelo mesmo pescador — havendo ainda a informação de aí também terem sido recolhidas madeiras, infelizmente perdidas.

A primeira, trata-se de um exemplar de Lusitana 3 que se encontra resinada e que é uma ânfora vinária (fig. 2-1), facto, aliás, já presumido pelos AA ⁵, a partir: a) da forma deste tipo de ânfora, afim da gaulesa 4; b) da sua cronologia, estratigraficamente atestada (Castelo de Alcácer do Sal, Pedras Negras/Lisboa e Villa Cardílio), que confirma uma não coincidência com a periodização dos fabricos das ânforas piscícolas lusitanas; e, finalmente, ainda, c) o facto de não estar atestada a existência de outras ânforas para o envase de vinhos lusitanos. Por sua vez, amostras das resinas recolhidas no interior desta ânfora do Mouchão da Póvoa, analisadas no LNETI pelo Sr. Prof. Doutor Peixoto Cabral, vieram recentemente confirmar esta presunção ⁶.

Os dois restantes exemplares integram-se no tipo L2 (Dressel 14 de fabrico lusitano), o bem conhecido contentor alto imperial de produtos piscícolas (fig. 2-2 e 3). Ambos os exemplares apresentam bordos evolucionados ⁷, dos finais do século I/1ª metade do século II, contemporâneos do fabrico da L3.

O segundo conjunto do Tejo é constituído por dois exemplares de ânforas importadas: uma Dressel 1 incompleta e já publicada (fig. 3-4), ânfora vinária típica, de proveniência itálica e de cronologia tardo-republicana, recolhida igualmente por um pescador numa «zona de ostras situada entre o Mouchão e a lezíria, junto a Alhandra» ⁸.

² DIOGO, A. D. — *Anforas provenientes do rio Tejo (Salvaterra de Magos), no Museu do Mar*. «Arqueologia», Porto, 16, 1987, p. 112-114; ID. — *Notícias de dois vestígios romanos no Concelho de Vila Franca de Xira*. «Boletim Cultural», Vila Franca de Xira, 3, 1987-88, p. 108-111.

³ CARDOSO — *Op. cit.* (v. nota 1).

⁴ SILVA, C. T. e outros — *Nota sobre o material anfórico da foz do Arade (Portimão)*. «Setúbal Arqueológica», Setúbal, 8, 1987, p. 203-220.

⁵ ALVES, F. J. S., e outros — *A propósito dos fornos de cerâmica lusitano-romanos de S. Bartolomeu do Mar*, in «Ânforas Lusitanas, Tipologia, Produção e Comércio», Actas das Jornadas de Conímbriga, Coimbra, 1990, p. 193-198; DIOGO, A. D. — *Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano*. «O Arqueólogo Português», Lisboa, IV, 5, 1987 [1990], p. 179-191.

⁶ CABRAL, J. M. P., e outros — *Laser desorption fourier transform mass spectrometric analysis of food residues from amphorae*, 28th International Symposium on Archaeometry. Los Angeles, 23-27 Março, 1992.

⁷ DIOGO, A. D., e outros — *Ânforas dos fornos do Abúl 1 no Museu Municipal de Alcácer do Sal*. «Arqueologia», Porto, 21, 1990, p. 28-30.

⁸ DIOGO — *Op. cit.*, 1987-88 (v. nota 2).

O outro exemplar que integra este segundo conjunto, é uma ânfora de tipo Beltran 1 em perfeito estado de conservação (fig. 3-5), recolhida, ao que parece, nos «Bacalhoeiros», fundão existente nas proximidades de Alcochete, local de onde há notícia provirem outros achados do mesmo tipo. Trata-se de um conhecido tipo de ânfora piscícola, proveniente da Bética e datável dos finais do século I a.C.

Dos dois conjuntos provenientes do rio Sado, o primeiro é caracterizado por descobertas avulsas de alguns tipos de ânfora fabricados ou importados na zona de Alcácer do Sal entre os séculos III a.C. e os meados do século II d.C. De salientar que estes fragmentos, tendo sido encontrados imediatamente a jusante da vila de Alcácer, têm um *terminus ante quem* correspondente à ocupação significativa da Alcácer proto-romana e romana (*Salacia*).

Neste primeiro conjunto estão presentes fragmentos de L2 (fig. 4-12) e de L3 (fig. 4-13). Das ânforas importadas, duas são oleárias (Beltran 5, figs. 4-10 e 11); todas as restantes são piscícolas, duas sendo provenientes da área ibero-púnica (Maña A4, fig. 4-6), datável do século III à romanização — e a Maña C2/Dr 18 (fig. 4-7), datável do século II a.C. aos inícios do I d.C.; as últimas duas são provenientes da Bética (Beltran 4, fig. 4-8, datável dos inícios do século I aos finais do II d.C. e Beltran 1, fig. 4-9, datável do século I a.C.).

O último conjunto do Sado, corresponde a exemplares completos de ânforas de forma manifestamente híbrida, do tipo L1, por nós considerado o protótipo de transição entre os fabricos ibero-púnico e lusitano-romano⁹. Saliente-se que a raridade dos achados de ânforas deste tipo e a sua má interpretação, poderiam ser justamente explicados pelas características específicas da forma, uma vez que os fragmentos do bojo e do fundo facilmente serão classificados como sendo de L2 (Dr 14), enquanto os fragmentos da boca, colo e asa, facilmente se confundem com potes ou com certos tipos ibero-púnicos (Maña B, por exemplo) — erro em que nós próprios caímos quando estudámos materiais dos fornos do Sado.

Voltando aos nossos quatro exemplares completos, o primeiro encontra-se depositado no Museu Municipal de Alcácer do Sal, não sendo conhecidos, nem a época nem o local do seu achamento. No entanto, o estado de conservação da peça, indicando uma longa permanência no lodo, leva-nos a pensar que será proveniente do rio Sado. Os três restantes exemplares foram recuperados pelo mesmo pescador, no mesmo local, ao longo destas três últimas décadas. O estado de conservação dos exemplares e as características do local do achamento, onde, segundo o pescador «as redes prendem», levam-nos a opinar, com forte presunção, poder estar-se em presença de um destroço de embarcação.

Para terminar, é de referir que este artigo é a expressão inicial de um programa de prospecções arqueológicas subaquáticas promovido pelo Museu Nacional de Arqueologia, com o apoio do IPPC, que procurará definir os efectivos contextos dos achados agora estudados.

⁹ Id. — *Op. cit.* (v. nota 5).

CATÁLOGO

- 1 — Ânfora, de tipo Lusitana 3 (fig. 2) Lábio de fita, alto, moldurado e ligeiramente pendente. Colo curto e bitroncocónico. Bojo periforme. Fundo em anel. Asas de fita, curtas e arqueadas, arrancando do colo, sob a sobeira do lábio.
Pasta rosa-alaranjada, arenosa, com quartzos hialinos e leitosos, calcites e minúsculas micas. Superfície externa rosada, manchada. Superfície interna resinada.
Colecções do Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- 2 — Ânfora a que falta a base do fundo, de tipo Lusitana 2 (fig. 2).
Lábio triangular e saliente. Colo alto e extrovertido. Bojo barrilóide. Fundo troncocónico. Asas de fita, gamiformes, com a face superior bilobada.
Pasta bege-rosada, de textura folheada e arenosa, com quartzos hialinos e leitosos, calcites e pequenas micas.
Conserva um grafito «K» no dorso da asa direita, e um outro, fragmentado, em palma e profundamente gravado no bico fundeiro.
Colecções do Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- 3 — Ânfora, de tipo Lusitana 2 (fig. 2).
Lábio perolado, de aresta. Colo alto e extrovertido. Bojo barrilóide. Fundo alto, oco e troncocónico, de base em glande e espessada internamente. Asas de fita, gamiformes, com a face superior bilobada.
Pasta bege-rosada, arenosa, com quartzos hialinos e leitosos, calcites e pequenas micas.
Colecção particular.
- 4 — Parte inferior do colo, bojo e arranques inferiores das asas de ânfora, tipo Dressel 1 (fig. 3).
Bojo afunilado.
Pasta rosada, de textura folheada, arenosa, com abundantes augites e quartzos.
Colecções do Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- 5 — Ânfora, de tipo Beltrán I, Classe 16-A de Peacock/Williams (fig. 3).
Lábio extrovertido, de fita, moldurado e ligeiramente pendente. Colo largo e cilíndrico. Asa curta, gamiforme, de fita ovalada e bilobada na face superior por um sulco profundo. Bojo ovóide. Fundo cilíndrico e oco, de base convexa.
Pasta bege-rosada, dura e arenosa, de pequeno grão, com quartzos hialinos e leitosos, calcites e minúsculas micas.
Colecção particular.
- 6 — Fragmento de bojo com asa de ânfora, tipo Mañá A 4 (fig. 4).
Ombros carenados. Asa de rolo, semicircular, arrancando dos ombros.
Pasta tricolor, cinzento-esverdeada para a superfície externa, ocre-alaranjada para a interna e com largo cerne rosa-alaranjado, microgranulosa, muito dura e fina, com abundantes quartzos hialinos e calcites.
Colecções do M.N.A., doação F. Reiner.
- 7 — Fragmento superior de ânfora tipo Mañá C 2 (fig. 4).
Lábio extrovertido, em aba muito saliente e bilobada. Colo côncavo. Asa de fita espessada, arqueada e arrancando dos ombros.
Pasta tricolor, bege-acastanhada para a superfície externa, castanho-alaranjada para a interna e com cerne acinzentado, muito dura e fina, com minúsculos quartzos leitosos e hialinos, abundantes partículas negras. Superfície externa com vestígios de engobe bege-acinzentado, alterado pelas águas.
Colecções do M.N.A., doação F. Reiner.
- 8 — Fragmento superior de ânfora tipo Beltrán IV (fig. 4).
Lábio em pequena aba triangular. Colo alto e côncavo. Asa de fita larga, gamiforme e bilobada na face superior.
Pasta rosada, muito dura e arenosa, de pequeno grão, com quartzos leitosos, nódulos ferruginosos e pequenas micas douradas. Superfícies bege-rosadas, manchadas.
Colecções do M.N.A., doação F. Reiner.

- 9 — Fragmento superior de ânfora, tipo Beltrán I (fig. 4).
Lábio em fita, moldurado e saliente. Colo muito curto e côncavo. Asa pequena, ovalada e com a face superior bilobada, arrancando do colo.
Pasta cinzento-esverdeada com cerne alaranjado, compacta, muito dura e arenosa, com quartzos hialinos e leitosos muito abundantes. Superfície externa bege-rosada, com manchas acastanhadas.
Colecções do M.N.A., doação F. Reiner.
- 10 — Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Beltrán V (fig. 4).
Lábio introvertido, triangular, muito saliente, de sobeira moldurada.
Pasta acinzentada, muito dura, com quartzos hialinos e leitosos, calcites e inclusões negras. Superfície externa castanho-alaranjada, manchada.
Colecções do M.N.A., doação F. Reiner.
- 11 — Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa, de ânfora tipo Beltrán V (fig. 4).
Lábio triangular, muito saliente, de sobeira moldurada.
Pasta bege-rosada, com cerne rosado, compacta e muito dura, com abundantes quartzos leitosos de pequeno grão e raras partículas negras. Superfícies castanho-rosadas, manchadas.
Colecções do M.N.A., doação F. Reiner.
- 12 — Fragmento superior de ânfora tipo Lusitana 2 (fig. 4).
Lábio perolado. Colo alto e côncavo. Asa de fita, gamiforme e com a face superior bilobada.
Pasta alaranjada, com cerne rosa-acinzentado, de textura folheada, dura e arenosa, com quartzos hialinos, leitosos, calcites e minúsculas micas.
Colecções do M.N.A., doação F. Reiner.
- 13 — Fragmento superior de ânfora tipo Lusitana 3 (fig. 4).
Lábio de fita, pendente. Colo curto e muito côncavo. Asa de fita, arqueada, arrancando do colo e com a face superior bilobada.
Pasta rosada, com uma faixa alaranjada junto à superfície externa, de textura folheada, dura e arenosa, com quartzos hialinos e calcites, minúsculas micas e raros nódulos ferruginosos.
Colecções do M.N.A., doação F. Reiner.
- 14 — Ânfora de tipo Lusitana 1 (fig. 5).
Lábio extrovertido, em aba, biselado. Colo inexistente. Bojo bitroncocónico, carenado nos ombros. Fundo troncocónico e oco, de base convexa. Asas pequenas, ovaladas, fazendo um ângulo agudo, implantadas sobre os ombros.
Pasta bege, dura, com pequenos quartzos hialinos e leitosos, calcites e minúsculas micas. Superfície externa bege-rosada, manchada.
Colecções do Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 15 — Ânfora de tipo Lusitana 1 (fig. 5).
Lábio extrovertido, em aba, boleado. Colo muito curto e ligeiramente extrovertido. Bojo barrilóide. Fundo troncocónico e oco, terminando em glândula incipiente. Asas pequenas, de fita larga, fazendo um ângulo agudo e bilobada na face superior, implantadas sobre os ombros.
Pasta alaranjada, branda e arenosa, com quartzos hialinos e leitosos, calcites e pequenas micas. Superfícies enegrecidas pelas águas.
No bico fundeiro conserva um «C» esgrafitado antes da cozedura.
Colecções do Museu Arqueológico Municipal de Sines.
- 16 — Ânfora de tipo Lusitana 1 (fig. 5).
Lábio extrovertido, em aba, boleado. Colo muito curto. Bojo barrilóide. Fundo troncocónico e oco, terminando em glândula incipiente. Asas pequenas, de fita larga, arqueadas sobre os ombros e bilobadas na face superior.
Pasta rosa-alaranjada, arenosa, com quartzos hialinos e leitosos, calcites e pequenas micas.
Colecção particular.

17 — Ânfora de tipo Lusitana 1 (fig. 5).

Lábio extrovertido, em aba, bilobado. Colo muito curto. Bojo barrilóide. Fundo troncocónico, curto, de base convexa e espessada internamente. Asas pequenas, de fita larga, arqueadas sobre os ombros.

Pasta rosa-alaranjada, arenosa, com quartzos hialinos e leitosos, calcites e pequenas micas. Coleção particular.

Dimensões dos atributos dos exemplares fragmentados:

N.º	Tipo	Bordo			Asa		Colo		Bojo	
		Diâm.	Alt.	Esp.	Larg.	Esp.	Diâm.	Alt.	Diâm.	Alt.
6	Maná A4	—	—	—	27	29	—	—	400	—
7	Maná C2	249	25	25	39	24	111	160	271	—
8	Bel. IV	148	16	20	46	18	96	181	212	—
9	Bel. I	171	36	17	44	31	107	73	—	—
10	Bel. V	182	37	43	—	—	94	—	—	—
11	Bel. V	178	39	44	—	—	112	—	—	—
12	L. 2	166	27	24	46	24	115	175	298	—
13	L. 3	101	26	18	38	17	54	58	318	—

Dimensões dos atributos dos exemplares completos:

N.º	1	2	3	5	14	15	16	17
Tipo	L.3	L.2	L.2	Be.I	L.1	L.1	L.1	L.1
A.T.	467	—	1005	842	675	765	680	698
A.L.	30	28	30	48	18	21	15	19
E.L.	12	31	27	26	25	24	22	22
D.L.	98	194	192	193	167	196	200	190
L.A.	41	55	54	55	28	41	34	42
E.A.	16	24	32	28	13	13	13	17
A.C.	52	180	192	115	—	12	12	6
D.C.	62	108	128	110	148	160	171	175
D.B.	322	323	310	335	294	342	290	324
A.F.	20	—	230	142	155	182	173	117
D.F.	80	—	48	55	33	41	39	37
E.F.	10	—	55	44	20	62	18	65

AT — Altura total; AL — Altura do lábio; EL — Espessura do lábio; DL — Diâmetro do lábio; LA — Largura da asa; EA — Espessura da asa; AC — Altura do colo; DC — Diâmetro do colo; DB — Diâmetro do bojo; AF — Altura do fundo; DF — Diâmetro do fundo; EF — Espessura do fundo;



Fig. 1 — Locais de proveniência dos achados de Vila Franca de Xira e de Alcácer do Sal.

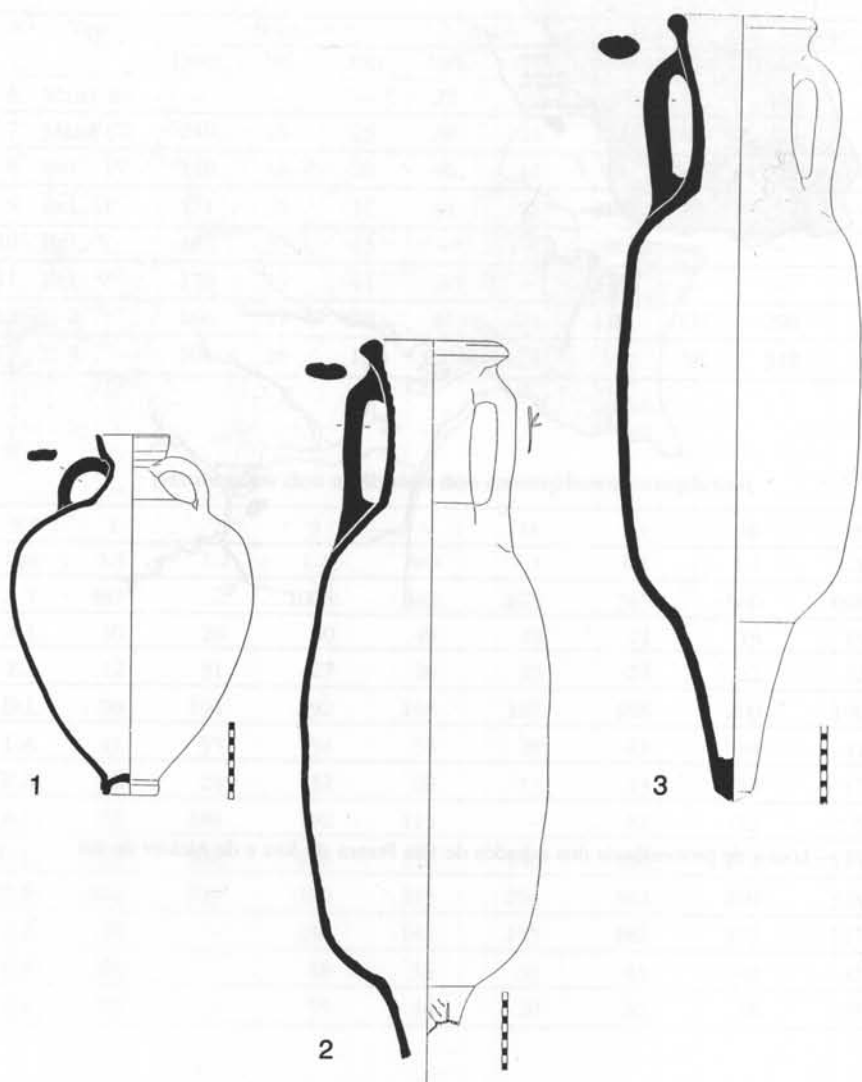


Fig. 2 — Exemplares de ânforas lusitanas provenientes do rio Tejo de uma área delimitada, junto ao Mouchão da Póvoa (Vila Franca de Xira).

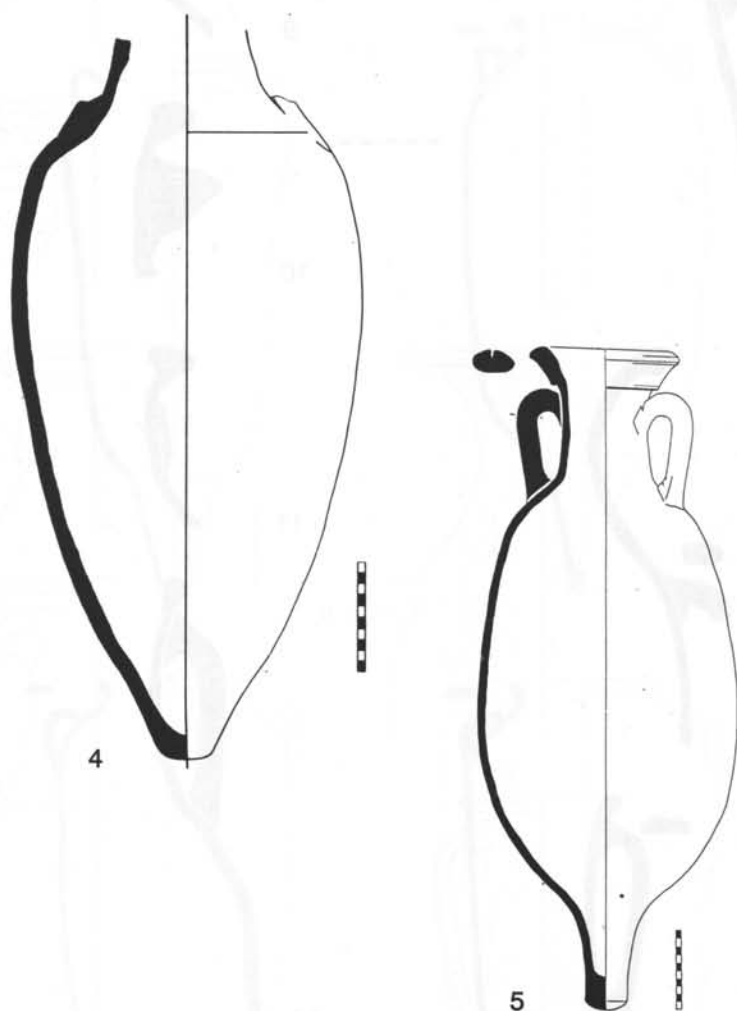


Fig. 3 — Ânforas do tipo Dressel 1 e «Beltran I» provenientes do rio Tejo, junto a Alhandra e a Alcochete.

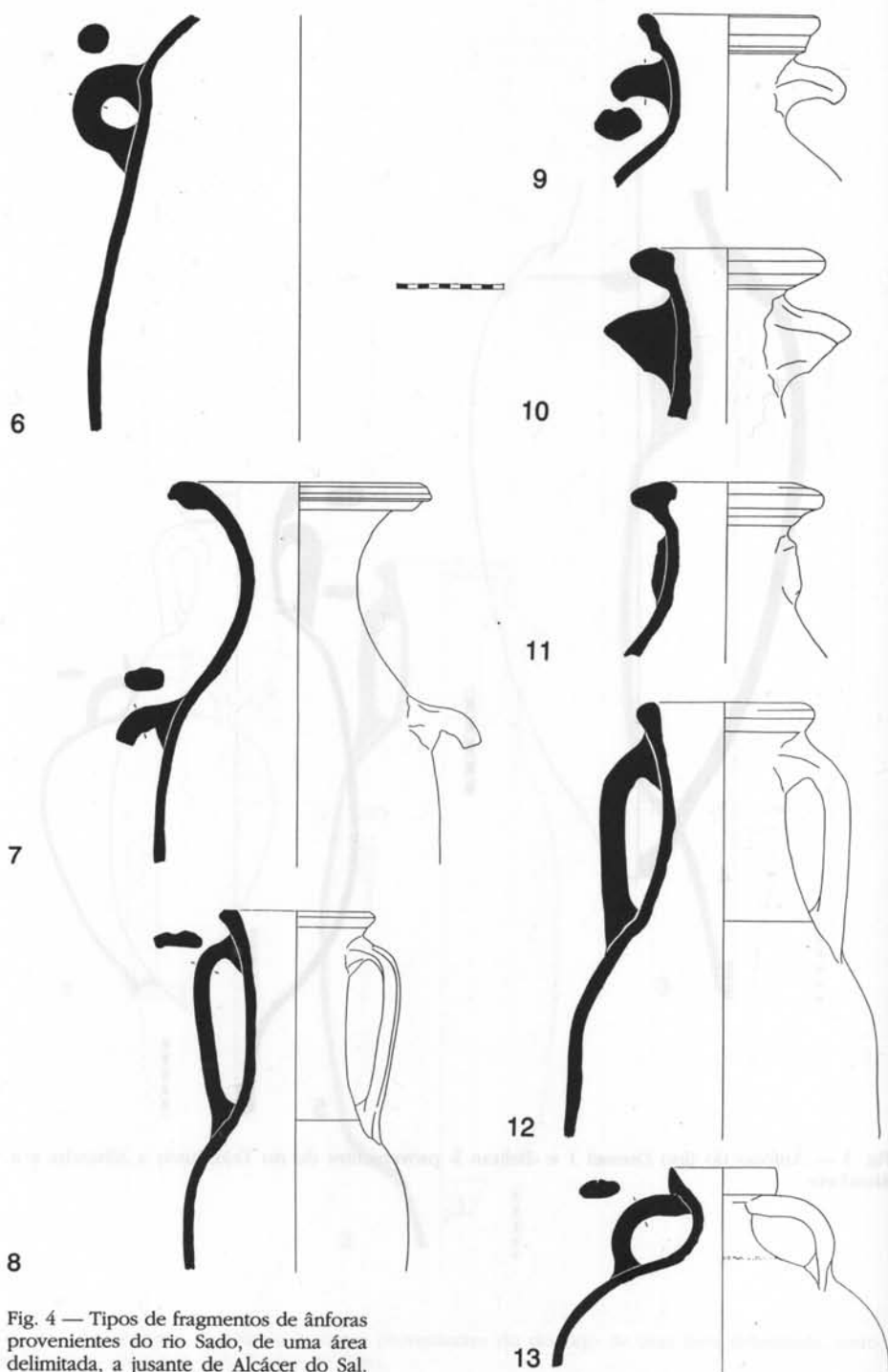


Fig. 4 — Tipos de fragmentos de ânforas provenientes do rio Sado, de uma área delimitada, a jusante de Alcácer do Sal.

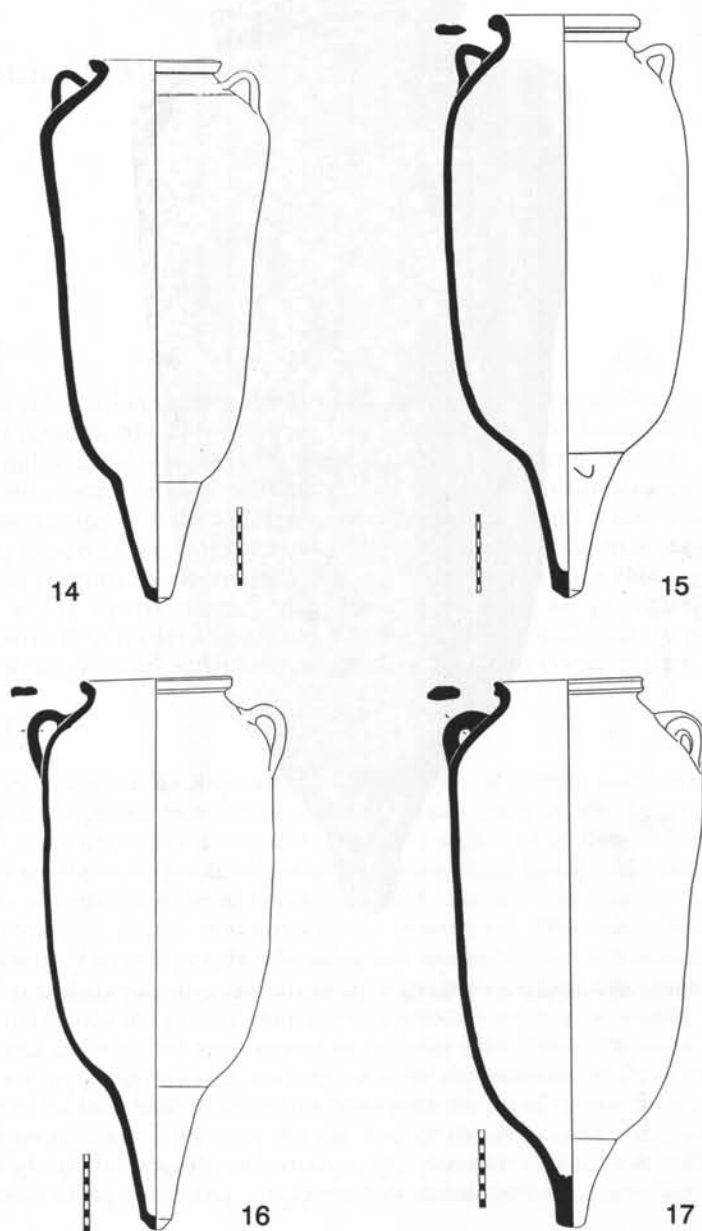


Fig. 5 — Exemplares completos do tipo «Lusitana 1», provenientes do rio Sado: 14 — de proveniência desconhecida; 15 a 17 provenientes de uma área precisa, a jusante de Alcácer do Sal.



Fig. 6 — Fotografia do exemplar n.º 17 da fig. 5, de Alcácer do Sal, do tipo «Lusitana 1».